

MAIO DE 2022

MY PLANET

by The Navigator Company



Um olhar sobre a biodiversidade



Tiago Damas (esquerda), responsável pela propriedade de Águas Alves, e Nuno Rico (direita), responsável de biodiversidade na The Navigator Company.

Bútio-comum (*Buteo buteo*)

Com 110 a 130 centímetros de envergadura, e reconhecido pela característica mancha clara no peito, o bútio-comum (também conhecido como águia-de-asa-redonda) é a única ave de rapina presente em todas as regiões do país. Com uma população abundante, não está ameaçado.



o miocénico. “Foi um período húmido, quase tropical, com ausência de frio. O carvalho-de-monchique é uma espécie associada a este tipo de ambiente e ficou restringido a estas serras junto ao mar, alimentadas por nevoeiros, onde se preservaram as condições de humidade constante durante o ano”, explica o investigador.

A este tipo de floresta estão associadas outras espécies, como a adelfeira (*Rhododendron ponticum subsp. baeticum*) ou o samouco (*Myrica faya*), sendo a orla feita por medronhal. “É quase como se estivéssemos num ambiente tropical antigo”, refere Carlos Vila Viçosa, para quem é importante que se preserve esta floresta com todas as suas espécies. “Do ponto de vista da fauna, é importante para os corredores ecológicos. E a preservação de áreas com florestas e matos pré-florestais aumenta a diversidade”, explica. Neste caso, a borboleta do medronheiro – a maior borboleta diurna em Portugal – é indiretamente protegida pela preservação do habitat.

Preparar o futuro

“É um trabalho de paciência”, admite Nuno Rico, responsável pela conservação da biodiversidade na Navigator. Além de monitorizar o crescimento das novas árvores – 80 das quais, exemplares do carvalho-de-monchique – há que fazer cortes seletivos da vegetação. “As estevas, por exemplo, fazem parte das chamadas espécies pioneiras, que vão abrindo o solo e preparando o habitat para as outras espécies. No entanto,

quando crescem e ocupam demasiado espaço, acabam por ser prejudiciais, porque limitam o crescimento de outras espécies”, explica.

Nos habitats já estabelecidos, a intervenção é mínima. O objetivo é que, aos poucos, a natureza regenere e o bosque ripícola recupere o seu espaço, com os trabalhos a estenderem-se à ribeira de Águas Alves e restantes linhas de água da propriedade. Um investimento que deu frutos, já que nas margens da ribeira foram identificadas duas espécies classificadas com o estatuto “vulnerável” na Lista Vermelha da Flora Vasculosa de Portugal Continental, a *Carex helodes* e a *Campanula alata*.

“Quanto melhor estiver o habitat, mais diversidade terá”, assegura Nuno Rico,

que assume que este é um projeto cujos resultados plenos só serão alcançados dentro de algumas décadas. Mas, antes ainda de atingir o seu potencial pleno, o vale já revela a sua beleza. A par com as novas árvores, surgem orquídeas (*Serapias sp.*), gilbardeiras (*Ruscus aculeatus*) e *Ranunculus sp.* – a chamada erva da Quaresma. Mais discretas, as espécies animais também marcam presença, embora, aos nossos olhos, o bútio-comum não seja mais do que um ponto em movimento no céu e a presença dos javalis só seja atestada pelo solo revolvido, num território que também acolhe ginetas, raposas e lontras, e que foi eleito como zona de caça por rapinas como a águia-cobreira, a águia-calçada e o bútio-comum. ●



Raposa (*Vulpes vulpes*)

Vale de Beja Restauro de habitats

Restaurar a floresta natural em certas áreas, faz parte das ações de restauro de habitats da propriedade de Vale de Beja, no concelho de Odemira.

Dos 700 hectares que constituem a propriedade de Vale de Beja, junto a São Luís, 126 são Zonas de Interesse para a Conservação da biodiversidade. E é nestas zonas que tem havido, desde há 12 anos, ações ativas de restauro de habitats. “Não é uma compensação, mas uma forma de compatibilizar a necessidade de preservar a biodiversidade com os objetivos produtivos da empresa”, esclarece

Nuno Rico, técnico de conservação da biodiversidade na Navigator. Para restaurar a floresta natural, elegeam-se zonas húmidas, corredores que criam descontinuidade e tornam a paisagem mais heterogénea. Os eucaliptos presentes neste local foram cortados e desvitalizados sem mobilização do solo e sem recurso a maquinaria, nem uso de herbicidas, em zonas onde depois, se necessário, são plantados carvalhos e outras árvores. “Se percebemos que há



Musaranho-de-dentes-brancos (*Crociodura russula*)

uma forte regeneração natural, nem vale a pena plantar, mas por vezes é necessário darmos uma ajuda”, acrescenta Nuno Rico. E porque é importante fazer uma avaliação do impacto destas zonas de restauro no “ganho” de biodiversidade, a The Navigator Company estabeleceu, em 2021, uma parceria informal com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que prevê o desenvolvimento de mestrados nos quais o objetivo é fazer este estudo. O primeiro mestrado está a decorrer no Vale de Beja, e o tema é o “Efeito das ações de restauro de áreas de plantação de eucalipto na composição e estrutura da comunidade de micromamíferos”. As conclusões só serão conhecidas daqui a alguns meses. Mas, para já, Miguel

Rosalino, investigador e professor daquela faculdade, adianta que a aluna Beatriz Pinho identificou as seguintes espécies, por ordem do maior para o menor número: rato-das-hortas (*Mus spretus*), musaranho-de-dentes-brancos (*Crociodura russula*), rato-do-campo (*Apodemus sylvaticus*) e ratazana-preta (*Rattus rattus*). “Os pequenos mamíferos, com ciclos reprodutivos mais curtos, respondem mais rápido a mudanças no habitat, daí serem um bom indicador. Sabemos, por exemplo, que o aumento da sua abundância representa um incentivo ao aparecimento de outras espécies maiores, como as aves de rapina noturnas, as serpentes, e até mamíferos predadores destes pequenos animais”, explica Miguel Rosalino. ●



Para identificar espécies e a sua densidade, os pequenos mamíferos são capturados em armadilhas que têm um isco (como fruta ou grãos). Cada animal é pesado, identificado como macho ou fêmea e marcado com um pequeno corte no pelo. Depois é libertado e segue a sua vida. Esta metodologia está também a ser seguida no Vale de Beja.



Drosophyllum lusitanicum



Veado
(*Cervus elaphus*)



Corço (*Capreolus capreolus*)



Lebre (*Lepus granatensis*)

Os mamíferos e os eucaliptos

O projeto Wildforests procurou avaliar o impacto das plantações de eucalipto em espécies de mamíferos nativos. “Os eucaliptais são todos diferentes. Queremos perceber o que faz com que certas espécies habitem mais ou menos zonas de eucalipto com diferentes características”, explica Miguel Rosalino, um dos investigadores do projeto. “Ao contrário do que possa pensar-se, existem espécies como veados, corças e raposas nos eucaliptais. A ideia é perceber que condições favorecem a existência destas espécies, e de outros mamíferos mais pequenos, mesmo que o principal objetivo de uma floresta produtiva não seja a conservação da biodiversidade”, diz.

Para Nuno Rico, as conclusões do projeto, que deverão ser apresentadas em breve, poderão ter impacto, de alguma forma, na gestão das florestas da The Navigator Company: “Conciliar os objetivos de conservação com a produção é o que já fazemos. Mas talvez possamos fazer mais, se houver um maior conhecimento”, afirma. Enquanto as conclusões deste projeto não são conhecidas, o investigador Miguel Rosalino revela a lista de espécies encontradas em eucaliptais da Navigator, no centro do país (Lousã, Góis, Pampilhosa da Serra, Mortágua, Penamacor, Penha Garcia e Serra da Malcata):

- 11 espécies de mamíferos de médio e grande porte: corço (*Capreolus capreolus*), veado (*Cervus elaphus*), Gamo (*Dama dama*), javali (*Sus scrofa*), lebre (*Lepus granatensis*), coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), raposa (*Vulpes vulpes*), texugo (*Meles meles*), fuinha (*Martes foina*), geneta (*Genetta genetta*) e sacarrabos (*Herpestes ichneumon*).
- 4 espécies de micromamíferos: rato-do-campo (*Apodemus sylvaticus*), rato-das-hortas, (*Mus spretus*), rato-de-Cabrera (*Microtus cabrerae*) e musaranho-de-dentes-brancos (*Crociodura russula*). ●